

## **Folha de S. Paulo**

**13/10/1993**

### **Trabalhadores temem perder o emprego para as máquinas**

*Eles dizem que não deixam lavoura porque ganham bem*

Free-lance para a Folha

A Folha conversou ontem com dois trabalhadores rurais de Ribeirão Preto. Um foi encontrado no bar Come Quietamente, no Alto do Ipiranga, onde os bóias-frias se reúnem no final da tarde, e o outro num canavial às margens da rodovia Anhangüera.

Manoel Messias, 31, e José Eurípedes Quirino, 28, dizem que não deixam a profissão de bóia-fria porque são bem remunerados — sonham em média CR\$ 36 mil mensais. Os dois são casados e tem filhos. Messias deu entrevista enquanto cortava cana. Quirino falou no bar, tomando cerveja com os colegas de roça. Os dois dizem que tem medo da mecanização e que seria "injustiça" a troca do homem pela máquina.

A seguir, os principais trechos das duas entrevistas.

Folha — Você sabe que as usinas estão querendo mecanizar o corte da cana (trocar o serviço dos trabalhadores pelas máquinas)?

Manoel Messias — A gente sabe, ouve comentários por aí.

Folha — E o que você acha disso?

Messias — Acho injustiça. Vai tirar o emprego de muito pai de família que não tem outra profissão e que trabalha duro na roça.

Folha — Você tem medo de perder seu emprego? Messias — É claro! E não só eu. Isso tudo ia confundir mais ainda o mundo. Ia ter mais gente para roubar e matar, para fazer o que não presta.

Folha — Se perdesse o emprego de bóia-fria, você iria fazer o quê?

Messias — Ia tentar trabalhar de servente de pedreiro em Ribeirão.

Folha — Cortar cana não é um serviço para máquinas?

José Eurípedes Quirino — Não. Se colocarem as máquinas vão deixar a gente na rua. E um trabalho duro, mas dá para tirar mais que outros serviços, por isso compensa.

Folha — Você gostaria de trocar de profissão, de ser pedreiro, por exemplo?

Quirino — Não. Já fui pedreiro e prefiro cortar cana por causa do salário.

**(Folha Nordeste — Página 1)**